

## CONVENIÊNCIA E NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO EM TOMÁS DE AQUINO\*.

Prof. Dr. Paulo Faitanin  
Universidade Federal Fluminense

### Introdução

Nossa análise se pautará na doutrina de São Tomás de Aquino [TA] desenvolvida na *Sum. Theo.* III, q.1, art.1-6<sup>1</sup>. Está dividida em duas partes: I *Conveniência e Necessidade* e II *Motivo e Época*.

#### I. Conveniência e Necessidade.

**Conveniência.** Para uma melhor compreensão do significado teológico desta palavra, consideremos, primeiramente, os seus sentidos nos diversos contextos em que ela aparece. Em lógica, conveniência significa o *acordo* que há entre idéias e se dá pelo juízo que as afirma. Em moral, conveniência significa virtude e se realiza na prudência. Em matemática, conveniência significa proporção, pelo cálculo. Em estética, a conveniência é um híbrido de proporção, ordem e harmonia entre as partes do todo que compõem a obra de arte. Em física e em biologia, conveniência significa princípio de necessidade, que responde às leis físicas e biológicas dos seres. Em direito, conveniência significa adequação, que se aplica na justiça.

**Na metafísica,** conveniência significa a similitude de perfeição entre naturezas, e isso se realiza pela participação. No contexto filosófico pode-se dizer que *conveniência* é harmonia e participação que há entre naturezas. No contexto teológico, conveniência é dito da relação entre seres espirituais, pessoais e livres e significa a harmonia, similitude e participação que há entre estas naturezas, que entre si se convêm e se aproximam, mediante alguma necessidade por afirmar alguma perfeição ou restaurar certa perfeição, enquanto tal aproximação se dá pela ordem das naturezas mesmas, pelo saber, vontade e liberdade, fundamentada no amor: *este saber livre do querer pelo que se é.*

---

\* Comunicação apresentada na jornada **Sobre a Necessidade da Encarnação:** 'E o Verbo se fez carne e habitou entre nós' [Jo 1, 14], realizada no Seminário Arquidiocesano São José de Niterói em Julho de 2005.

<sup>1</sup> Paralelos: *In III Sent.*, d.1, q.1, a.2; *C. Gent.*, IV, 40,49,53,54,55; *Comp. Theo.*, c.200-201.

**Foi conveniente que Deus se encarnasse?** Tendo visto isso, cabe saber agora se foi conveniente que Deus se encarnasse, não sem antes entender o que significa a *Encarnação* no contexto teológico: *por Encarnação entendemos não a aparição de Deus sob forma humana transitória, mas o fato de Deus fazer-se homem, sem deixar de ser Deus e sem mutilar a natureza do homem*. Podemos resumir o mistério da Encarnação valendo-nos da síntese do Catecismo: “No tempo determinado por Deus, o Filho Único do Pai, a Palavra Eterna, isto é, o Verbo e a imagem substancial do Pai, encarnou, sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana...A Encarnação é, portanto, o Mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa do Verbo”<sup>2</sup>.

**O que nos ensina TA?** O Aquinate afirma que foi conveniente que Deus se encarnasse<sup>3</sup>. Ele entende a conveniência teológica como o princípio de relação espiritual, entre seres pessoais e livres, enquanto essa razão de conveniência se fundamenta na harmonia, similitude e participação que há entre estas naturezas, que entre si se convêm e se aproximam atraídas pelo amor do autor mesmo da harmonia: Deus.

**Como TA explica a conveniência da Encarnação?** TA diz que o que convém a cada coisa é o que lhe cabe segundo a razão de sua própria natureza, e se o próprio de Deus é a bondade, foi conveniente que se comunicasse à criatura do modo mais excelente ao unir a Si a natureza criada. Foi conveniente porque a união com a carne não Lhe causa mutabilidade e nem mesmo a indignidade da carne não tornou inconveniente a união, se for levado em consideração a excelência infinita da bondade de Deus. Deus assume a carne, mas o seu poder não experimenta nenhuma limitação no corpo assumido e, pela união, Deus assume a natureza sujeita ao castigo e não o seu mal de culpa.

**Necessidade.** O que significa necessidade? A genialidade de Platão não nos deixou passar em branco algo acerca do significado deste conceito. Para ele necessidade significa *falta e busca do que falta* [Banquete, 204-5]. Aristóteles se dedicou amplamente ao tema e é dele que extrairemos o sentido mais geral de neces-

---

<sup>2</sup> CATECISMO, n° 479-483.

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art.1, sed contra, ad1-4, e respondeo. À primeira vista, TA teve de considerar os seguintes argumentos: se Deus, desde a eternidade, existiu sem nenhuma carne, seria inconveniente que Ele a ela se unisse; se Deus é espírito simplíssimo e Bom, e o corpo matéria composta e má, suas naturezas infinitamente se distanciam entre si no ser e na bondade, sendo, portanto, impossível e inconveniente que se unissem; se Deus é o autor de tudo, nada há que O contém, nem todo o universo é suficiente para conter a Deus, muito menos ‘que [Deus] se oculte num corpinho de uma criança’, tal como já alegara Volusiano: SANTO AGOSTINHO, *Epist.* 135, al.2, n.2: PL, 33, 513.

sidade. Segundo o Estagirita necessidade se diz do que é necessário e necessário é aquilo a que somos coagidos quando uma força qualquer nos obriga a fazer ou a sofrer alguma coisa que é contra o instinto, de tal modo que a necessidade consiste, neste caso, em não poder fazer ou sofrer de outra forma [Metafísica. V, 5, 1014b 35]. Para o Aquinate, necessidade significa aquilo que não pode ser de outra forma [Sum. Theo. I, q.82, art.1].

**Pode-se dizer que a Encarnação era tão conveniente que chegava a ser necessária?** Pelo que vimos acerca dos conceitos de conveniência e necessidade, a Encarnação, embora fosse conveniente, não poderia ter sido necessária, com relação a Deus, por necessidade absoluta<sup>4</sup>. **Por quê?** Necessário, como dissemos, é o que não pode ser de outra forma. A Encarnação foi conveniente para a saúde do homem, mas não necessária para Deus, pois nada há que tolha ou negue a liberdade divina ou a Sua perfeição. E mesmo a *Escritura* insiste na gratuidade da Encarnação, que depende de um ato livre da vontade de Deus [Ef 1, 5-10]. Então, deve-se dizer que a Encarnação não era para Deus absolutamente necessária, já que Deus podia ter concedido diretamente a graça do perdão ao homem, sem passar por Jesus Cristo. Contudo, que Deus se encarnasse era necessário com relação à saúde espiritual do homem. Deste modo, dizemos que a Encarnação foi relativamente necessária, ou seja, necessária com relação à restauração da natureza do homem decaída. Tal como nos ensina o teólogo D. Estevão Bettencourt, ‘nada ou ninguém pode impor coisa alguma a Deus e a própria teoria de que os homens deviam substituir os anjos decaídos é arbitrária, sem fundamento na Bíblia’<sup>5</sup>.

**Como TA expõe a questão?** TA afirma que foi necessária a encarnação para a salvação humana<sup>6</sup>, mas não enquanto esta necessidade impusesse tolhimento de liberdade na Vontade divina. Somente com o remédio da Encarnação a doença seria curada, pois não seria remédio satisfatório suficiente e perfeito se apenas cada homem desse uma satisfação por seu pecado e rendesse louvor a Deus, já que nem o bem de cada um e nem o de todos juntos seria perfeitamente suficien-

---

<sup>4</sup> Santo Anselmo foi defensor da tese da necessidade da Encarnação, em sua obra *Cur Deus Homo*.

<sup>5</sup> BETTENCOURT, E. *Curso de Cristologia*. Rio de Janeiro, Mater Ecclesiae, s/d. p. 89.

<sup>6</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, arg. 1-3. À primeira vista, TA teve de considerar os seguintes argumentos: se o Verbo era Deus e não recebeu nenhum acréscimo a seu poder, poderia ter restaurado a natureza humana sem se encarnar; e para isso não era senão necessário que o homem desse uma satisfação pelo pecado, pois a misericórdia de Deus nem o puniria e nem exigiria dele algo, além do que pudesse dar; além do mais, se a reverência a Deus é o principal para a salvação da natureza, bastaria que o homem O reverenciasse para a restauração da natureza, sem a necessidade de que se tornasse semelhante a nós, assumindo um corpo.

te para compensar, por equivalência, o dano de toda natureza, porque o pecado cometido contra Deus tem algo de infinito em razão da infinitude da majestade divina, já que a ofensa é tanto maior quanto maior é aquele contra o qual é dirigida<sup>7</sup>.

**Somente pela Encarnação do Verbo seriam remidos os pecados.**

Era preciso, pois, para uma satisfação digna, que a ação do que satisfaz tivesse uma eficácia infinita, como a que procede do homem-Deus. Por um homem, toda a natureza humana gemeu por causa do pecado e, por outro, toda a natureza humana foi restaurada. A Encarnação não diminui a majestade divina, nem a razão de reverência que Lhe é devida, senão todo o contrário, aumenta ante nós sua majestade por ter-se tornado nosso próximo dando-nos a conhecê-Lo.

**Somente Deus** de bondade e misericordioso poderia encarnar-se para restaurar a natureza humana caída pelo pecado. E somente um Deus de amor tem o poder para tal. Por isso, cremos porque é um absurdo que qualquer outra realidade, senão Deus de amor possa fazer isso. O que livra a natureza humana da perdição é necessário para a salvação humana, já que a necessidade da encarnação não se diz do mesmo modo que se afirma que o alimento é necessário para a conservação da vida humana, pois o alimento Lhe é necessário, já que o homem não pode existir sem ele. Se entendida a necessidade desta maneira, a encarnação não teria sido necessária, pois Deus por sua onipotência poderia restaurar a natureza humana de muitas outras maneiras.

**Encarnação – melhor modo e mais conveniente.** Mas se a necessidade for entendida como o que possibilita a natureza humana chegar ao seu fim de modo melhor e mais conveniente, foi necessária a Encarnação para a salvação humana, pois embora Deus podia ter curado a enfermidade do homem de outro modo, este foi o melhor e mais conveniente. Assim, por exemplo, há muitos modos de chegar ao Rio, por mar, por ar e pela ponte. Mas, se for pela ponte, para cruzá-la rápido, o modo melhor e mais conveniente é através de automóvel, pois embora se possa cruzá-la à pé, este já não seria o mais rápido, melhor e conveniente. A Deus não faltou outro modo possível, mas não houve outro modo melhor e mais conveniente que a Encarnação para curar nossa miséria.

**Bens necessários advindos da Encarnação.** Foi necessária a encarnação porque por ela a nossa fé pode tornar-se fundamentada, a nossa esperança elevada, a nossa caridade despertada, o nosso agir ordenado<sup>8</sup>, nossa participação

---

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art. 2, c.

<sup>8</sup> Nos diz Agostinho: “O homem que podia ser visto, não devia ser seguido: Deus, que não podia ser visto, devia ser seguido. Portanto, para que fosse mostrado ao homem, para que

plena na divindade e do mesmo modo a encarnação foi útil para afastar o mal, por aversão ao demônio, para mostrar a dignidade humana, para a remoção da presunção humana, para libertar a liberdade humana.

## II. Motivo e Época.

**Motivo.** Uma vez tendo visto que para *TA* foi conveniente e necessário que Deus se encarnasse, cabe agora considerar esta questão: *se Deus se teria encarnado se não tivesse existido o pecado.* Com relação à esta pergunta *TA* responde dizendo que *tudo o que provém somente da vontade de Deus, acima de qualquer direito da criatura, só o conhecemos pelo ensinamento da Sagrada Escritura, pela qual nos é dada a conhecer a vontade divina. Como porém na Sagrada Escritura o motivo da encarnação sempre é posto no pecado do primeiro homem, é mais correto dizer que a obra da salvação foi ordenada por Deus para remédio do pecado, de sorte que não havendo pecado, não haveria encarnação. No entanto, o poder de Deus não está limitado a essa condição: mesmo que não houvesse pecado, Deus poderia encarnar-se*<sup>9</sup>.

**Deus se encarnou para apagar mais o pecado original do que o atual?** Ainda correlata à questão anterior aparece esta. *TA* responde dizendo que *Cristo veio não só para apagar o pecado original, mas todos que foram acrescentados...Mas ele prossegue dizendo quanto maior é o pecado, com tanto maior razão Cristo veio para apagá-lo...intensivamente o pecado atual é maior do que o original, porque participa mais da natureza do voluntário...extensivamente...o pecado original, pelo qual todo o gênero humano é atingido, é maior do que qualquer pecado atual próprio de uma pessoa singular. Sob esse aspecto, Cristo veio principalmente para apagar o pecado original*<sup>10</sup>.

**Época.** Embora a Sagrada Escritura nos revele que Deus se encarnou para remédio do pecado, vimos que para *TA*, o poder de Deus não está limitado a essa condição: mesmo que não houvesse pecado, Deus poderia encarnar-se; o que não contradiz o texto Sagrado. A pergunta agora é: *teria sido conveniente que Deus se encarnasse desde o princípio da humanidade?* *TA* responde dizendo que se a principal razão da encarnação foi a remissão do pecado, não conviria que Deus se encarnasse antes do pecado, pois o remédio não se dá senão aos enfermos. Nem mesmo foi conveniente que Deus se encarnasse logo após o pecado: primeiro, para que o homem humilhado reconhecesse a necessidade de um libertador; se-

---

fosse visto pelo homem e por ele seguido, Deus se fez homem” [Sermone de Nativitate Domini. 371, al. de Diversis 52, c.2: PL 39, 1660.

<sup>9</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art. 3, c.

<sup>10</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art. 4, c.

gundo, para que se seguisse a ordem da realização do bem, segundo o qual se caminha do imperfeito para o perfeito; terceiro, em razão da dignidade do Verbo, por sua máxima eminência, exigiu-se maior número de arautos que o precederiam e quarto, para que não se arrefecesse o fervor da fé com o prolongar-se do tempo<sup>11</sup>.

**Então porque não foi adiada até o fim do mundo?** Diz-nos *TA* que assim como não foi conveniente que Deus se encarnasse desde o princípio do mundo, assim não foi conveniente que a encarnação fosse adiada até o fim do mundo. Ao fim dos tempos pertence a perfeição da Glória, à qual a natureza humana deve ser conduzida em último lugar pelo Verbo encarnado. E se o remédio fosse diferido até o fim do mundo, teriam sido totalmente apagados da terra o conhecimento de Deus e sua reverência, bem como a honestidade dos costumes<sup>12</sup>.

**Concluindo.** Foi no tempo propício a encarnação. Como assinala o teólogo Estevão Bettencourt, o momento propício – e isso parece paradoxal – não significa que o homem estivesse no apogeu das suas virtudes morais e da cultura, ao contrário, a Providência Divina quis escolher uma época em que os homens estavam profundamente marcados pelo pecado<sup>13</sup>. E esta demora da vinda do Messias não implica a perdição ou condenação para os homens anteriores a Cristo. E por que a Providência permitiu tal estado de coisas? Porque Deus quis que o homem recebesse a salvação gratuitamente, sem mérito próprio [1Cor 1,29 “...para que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus”] para que não se pudesse vangloriar. A norma básica da teologia cristã é a de que Deus não ama o homem, porque o homem seja bom, mas o homem é bom, porque Deus o ama [1 Jo 4,19]. A conveniência e a necessidade da Encarnação só encontram plena justificativa no mistério do amor de Deus por nós.

---

<sup>11</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art. 5, c.

<sup>12</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III, q.1, art. 6, c.

<sup>13</sup> BETTENCOURT, E. *Curso de Cristologia*. Rio de Janeiro, Mater Ecclesiae, s/d. p. 91.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.